



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

CONTORNOS DA ESCOLA: VELHAS E ANTIGAS FORMAS

Kátia Silva Santos/NEPIE152

RESUMO

Neste trabalho, pretendo apresentar algumas reflexões acerca da história da escola, desenvolvidas em um dos capítulos da minha dissertação, sendo esta realizada entre os anos de 2005 à 2007, a qual teve como objetivo compreender o movimento de reestruturação curricular da Rede Municipal de Vitória da Conquista - Ba, dando ênfase aos espaços reservados aos sujeitos com multirrepetência, dificuldades de aprendizagem e disparidade entre idade e ciclo. Um estudo conduzido por meio da pesquisa qualitativa, tendo como base o pensamento de Gregory Bateson. Neste estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos metodológicos: análise de documentos, entrevistas semi-estruturadas e observação participante. Resgato aqui alguns trechos do capítulo, os quais acredito que poderá contribuir para a compreensão dessa engenhosa construção humana, a escola.

PALAVRAS-CHAVE: História, Ciclos, Inclusão escolar

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Por que é que as coisas têm contornos?

Filha: Pai, por que é que as coisas têm contornos?

Pai: Têm? Não sei. A que tipo de coisas te referes?

Filha: Quero dizer, quando desenho coisas, por que é que elas têm linhas que as delimitam?

¹⁵² www.ufrgs/faced/pesquisa/nepie



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Pai: Bem, e se fossem outras coisas – um rebanho ou uma conversa... Essas coisas têm também contornos?

Filha: Não seas assim, pai. Não posso desenhar uma conversa. Quero dizer coisas.

Pai: Está bem. Eu estava só tentando saber o que é que tu querias dizer. Isto é, se “damos contornos às coisas quando as desenhamos”, ou se “as coisas têm contornos quer as desenhamos quer não”.

Filha: Não sei, pai. Diga lá o pai. Qual delas é a que eu quero dizer?

Pai: Não sei, minha querida. Houve um artista inconformado¹⁵³ que desenhava toda a espécie de coisas e depois de ter morrido folhearam os seus livros e viram que em determinado sítio ele escrevera: “Homens sensatos vêm contornos e, portanto desenha-nos”. Mas noutra sítio ele escreveu: “Homens loucos vêm contornos e, portanto desenharam-nos [...]” (BATESON, 1972, p.47-48).

Insensatez ou sensatez perceber contornos? Apesar das incertezas, autorizo-me neste estudo a vislumbrar as linhas móveis que contornam a escola, desejando encontrar possibilidades de inclusão de sujeitos que historicamente têm sido excluídos desta instituição, acreditando que o novo pode ser criado, percebendo a educação para todos e com todos como um grande desafio, para o novo milênio.

Construir “outros”, “novos” contornos, dando forma a uma educação de qualidade, é o objetivo de uma escola inclusiva que esteja a serviço das dimensões social e política das relações humanas (CARVALHO, 2002). Acredito que, nesse sentido, a educação, os processos educacionais e a instituição escolar devam superar as práticas pedagógicas historicamente construídas, práticas centradas em tempos lineares, em avaliações seletivas, cujo objetivo era alcançar uma suposta homogeneidade dos sujeitos e dos espaços. A meta, portanto, é vislumbrar novas formas, [re]contornos para a escola, tentando inseri-la num movimento próprio da contemporaneidade de rompimento com as verdades absolutas.

¹⁵³ O artista inconformado, citado por Bateson, chama-se William Blake.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

2 VELHAS FORMAS: A HISTÓRIA DA ESCOLA

Ao longo dos últimos dois/três séculos, contemporaneamente a construção da modernidade, a escola instaurou-se como espaço legítimo dos processos educativos das novas gerações. Destituindo as práticas seculares, realizadas no âmbito das comunidades ou das corporações de ofício, a escola toma para si a tarefa de educar (MOLL, 2004, p. 102)

A escola é uma instituição bastante antiga, entretanto foi com o advento da modernidade que esta assumiu o “status” de educadora e redentora, capaz de solucionar os “problemas mais perenes daquele momento histórico” (XAVIER, 2003, p.62). Neste item, pretendo remontar alguns pontos da história da escola, objetivando compreendê-la em sua configuração atual.

Na época moderna, “o relógio introduz um tempo linear, abstrato, diferente dos ritmos cíclicos cósmicos e biológicos, diferente também do tempo social, o qual é variável conforme os acontecimentos dos grupos” (PETITAT, 1994, p.91). E foi esta nova dimensão dada ao tempo que regulou a escola a partir do século XV. Uma instituição que passou a assumir cada vez mais papel de destaque na ação civilizatória do indivíduo e no enclausuramento da infância.

No estudo realizado por Ariès sobre a História social da família e da infância, temos a indicação mais explicitada da percepção realista e sentimental da infância. Segundo este autor, dois momentos caracterizam esta percepção:

O primeiro sentimento da infância - caracterizado pela “paparicação” - surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Esses moralistas haviam se tornado sensíveis ao



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

fenômeno outrora negligenciado da infância, mas recusavam-se a considerar as crianças como brinquedos encantadores, pois viam nelas frágeis criaturas de Deus que era preciso ao mesmo tempo preservar e disciplinar (ARIÈS, 1981, p.163-164) (grifo meu)

Na Modernidade, a criança passou a ser separada dos adultos e mantida à distância, preservada/guardada na escola, no colégio. Ligada a este processo de escolarização da infância, encontra-se a pedagogia que “nasce como saber da formação humana” (CAMBI, 1999, p.197). Segundo Narodowski (1998), o discurso pedagógico é imprescindível para a compreensão dos processos de construção de uma infância moderna.

A escola desempenhou papel preponderante no processo civilizador operante na Modernidade, analisado por Elias (1994), um movimento caracterizado pelo jogo de interações entre indivíduo e sociedade. Este autor, em sua obra *O Processo Civilizador*, traz como tema fundamental os tipos de comportamento do homem civilizado ocidental. O problema que se coloca, nesta obra, aparentemente simples, é que “o Homem Ocidental nem sempre se comportou da maneira como estamos acostumados a considerar como típica ou como sinal característico do homem civilizado” (ELIAS, 1994, p.13).

Consolidou-se, assim, uma escola que, a partir desse período, passou a ensinar conhecimentos e comportamentos, articulando-se em torno da didática, da racionalidade, da disciplina, da conformação programada e das práticas repressivas.

A Didática Magna foi produzida por Comenius em 1617, com base em um discurso universalizante (NARODOWSKI, 2001). No método didático ordenável, de acordo com a perspectiva comeniana, desapareceriam a desordem e a irracionalidade, homogeneizando-se o grupo de educandos. O educador passaria a dirigir-se para o grupo como se todos os alunos fossem um só. Um professor para muitos alunos, transmitindo “tudo a todos” e, ao mesmo tempo, um mesmo saber, sempre com o mesmo texto.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

A época moderna carregou em si a ambigüidade: apregoava-se a liberdade e praticava-se a regulação do sujeito. A disciplina era alcançada por meio de uma orgânica programação das atividades educativas e dos estudos. Uma rígida estrutura administrativo-pedagógica passou a regular, a princípio, os colégios destinados a civilizar o sujeito burguês, mas logo se estenderiam também a outras escolas, como as de caridade, os orfanatos destinados à população pobre em geral.

A Contra-Reforma, que foi precursora da expansão dos colégios, formulou novas concepções de educação, apresentando recomendações para o funcionamento dos colégios jesuítas, que iam desde as funções do reitor até as disposições didáticas relativas aos professores e estudantes, uma milícia a serviço da Igreja para formar homens civilizados e virtuosos. Segundo Petitat (1994, p.76):

No período que se estende da Renascença às vésperas da Revolução Industrial, a criação e multiplicação dos colégios constituem o fenômeno mais marcante da história das instituições escolares. Eles começaram a ser esboçados no princípio do século XVI e passaram a adotar seu perfil característico já entre 1550 e 1570, disseminando-se por toda parte com espantosa rapidez. Participa desta súbita proliferação a concorrência entre a religião católica e da Reforma [...]

Os colégios introduziram novos tipos de atividades escolares baseadas na graduação dos programas, na separação em classes sucessivas, na avaliação regular dos conteúdos adquiridos, no emprego do tempo subdividido e controlado etc. Esta ordenação do próprio tempo aliou-se a uma restrição e a uma subdivisão do espaço. As escolas modernas passaram a exercer sobre os estudantes controle moral, organizando as salas em filas, processando um tipo de individualização psicológica. Para Varela e Álvarez-Uria (1992), a invenção da carteira em frente a um banco, o que supõe uma distancia física e simbólica entre os alunos, representou uma vitória sobre a indisciplina. Segundo Petitat (1994), as classes de alunos com salas específicas de acordo com graus diferenciados, tornaram-se o eixo central da atividade escolar. Tais espaços tornaram-se



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

local de uma atividade coletiva marcada por regulamentos, local fechado onde ocorria uma classificação permanente dos alunos e onde eram comparadas as performances individuais.

A avaliação passou a ocorrer por meio de deveres, provas e exercícios diversos, que eram realizados mais freqüentemente por escrito. Esse processo seletivo objetivava promover, a cada ano, os “bons” alunos, rebaixando, eliminando ou excluindo os “maus” alunos. Munida de bases institucionais, a seleção deu impulso a uma espécie de enquadramento temporal e das relações de imposição pedagógica (PETITAT, 1994). Os prêmios e castigos ganharam ênfase neste contexto. Segundo Cambi (1999), a escola passou a ritualizar o momento do exame, atribuindo-lhe um papel crucial na atividade escolar.

Em relação aos exames, Xavier (2003, p.61) destaca a possibilidade que os mesmos têm de “diferenciar, classificar e colocar uma ordem na massa de estudantes, ao mesmo tempo em que viabiliza individualizá-los e posicioná-los em relação a padrões de normalidade”. A escola começava a desenhar o seu padrão de aluno ideal, um aluno controlado, vigiado, corrigido em seus desvios, disciplinado e civilizado.

Com a Revolução Francesa, propagaram-se os valores da burguesia revolucionária e emergente, consagrando-se a idéia de educação pública e universal como uma necessidade ou exigência da cidadania. E foi esta exigência da cidadania associada à educação escolarizada, que levou a burguesia a exigir uma escola pública à infância pobre, sob a justificativa de preservá-la do ambiente de corrupção promovido pela miséria. Filantropos, moralistas, higienistas propagaram esta visão.

A Revolução Industrial, ao introduzir a máquina na atividade produtiva, acabou promovendo a dissociação do saber e do saber fazer. E a escola, ao absorver esta suposta divisão entre “saberes”, deu forma à dualidade do ensino, ou seja, dividiu o ensino em dois segmentos: propedêutico e profissionalizante.

Segundo Xavier (2003, p.65):



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

A pedagogia que embasa esta proposta de escola, a chamada Pedagogia Liberal – nas suas vertentes mais conhecidas, a Escola Tradicional e a Escola Nova – até hoje fundamentam uma grande parte das propostas de trabalho escolar nas chamadas democracias ocidentais.

A partir do século XIX, os ideais iluministas inspiraram os projetos educacionais positivistas e os socialistas. Sob inspiração do modelo socialista, surgiu a idéia da formação omnilateral (desenvolvimento de todas as potencialidades humanas). Já os ideais positivistas deram origem ao otimismo pedagógico, na medida em que foi atribuída à educação e à ciência, a capacidade de renovar os costumes e reorganizar a sociedade (CARVALHO 2004).

A escola pautada nos ideais positivistas foi-se disseminando, tornando-se pública e estatal, forjando suas fronteiras, constituindo-se como espaço de silenciamento, de homogeneizações e de aprofundamento de preconceitos, produzindo e universalizando os seus padrões, fornecendo as bases para os processos de inadaptação de muitos sujeitos.

Assim, finalizo este ensaio, sinalizando que tal resgate histórico, mesmo que breve, permite a análise e compreensão dos diversos movimentos que hoje significam a escola, suas práticas e seus espaços na atualidade. As novas formas, [re]contornos para a escola, serão alvo de minha atenção no próximo item.

3 VISLUMBRANDO NOVAS FORMAS, [RE]CONTORNOS PARA A ESCOLA: ORGANIZAÇÃO ESCOLAR EM CICLOS

Quais as possibilidades de humanização dos tempos, dos espaços, das normas, dos rituais, das relações sociais na escola? (ARROYO, 2002, p. 59)



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Atrevo-me a acrescentar mais um questionamento: como tornar a escola “outra” sendo, entretanto, a mesma? Como [re]contorná-la? Penso que as linhas para este novo desenho não serão retas, tampouco paralelas, mas vislumbro linhas curvas, quem sabe umas sobre as outras formando uma espécie de tapeçaria, de trama. Enfim, linhas que mostrem a complexidade das relações entre os diferentes sujeitos que compõem o universo escolar. Conduzir uma discussão sobre a organização escolar em ciclos é o objetivo deste item.

3.1 Compreendendo a lógica dos ciclos

A lógica dos ciclos objetiva modificar a histórica organização da escola em séries, afinal, se desloca de um ano de “formação”, a série, para ciclos de dois, três ou mais anos, ou etapas anuais que formam um todo. Assim, pode haver, por exemplo: ciclo I com três anos, ciclo II com dois ou três anos. Esta forma de organização privilegia o desenvolvimento global da pessoa em todos os aspectos, podendo existir maior sensibilidade acerca da diversidade das relações com o saber, das maneiras de aprender, dos ritmos de desenvolvimento, das identidades e das trajetórias de cada sujeito.

A mudança que se opera nas práticas, na organização da formação e do trabalho escolar, inova em relação à lógica escolar dos conteúdos bem demarcados e da avaliação seletiva, por vezes discriminatória. Tais transformações podem significar uma ruptura com o enciclopedismo, com a memorização de fatos e regras, ou seja, com o acúmulo de saberes, passando a enfatizar a continuidade das aprendizagens em sua forma cíclica em “espiral”.

Nessa mesma lógica, a avaliação busca compreender as singularidades do processo de aprendizagem do aluno e as estratégias necessárias para o seu desenvolvimento. Desta maneira, os processos avaliativos na escola por ciclos objetivam



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

a formação global do sujeito. A individualização dos percursos de formação no ensino é uma das estratégias adotadas por este tipo de organização escolar (PERRENOUD, 2004).

A escola organizada por ciclos tenta dar forma a uma multiplicidade de dispositivos que indicam a flexibilidade de sua estrutura. Estão presentes estratégias, como por exemplo, apoio pedagógico quando o aluno apresenta dificuldades de aprendizagem, por meio de “professores de apoio”¹⁵⁴. Além deste, outros dispositivos para auxiliar os alunos podem ser criados, como, por exemplo, a Sala de Integração e Recursos (SIR) e Laboratórios de Aprendizagem (LA), presentes nas escolas cicladas do município de Porto Alegre; Professores de Letramento, presentes na Escola Plural, em Belo Horizonte. Referindo-se à Escola Plural, Castro (2000, p. 3) diz que:

Compreendeu-se que era preciso construir uma nova ordenação da escola capaz de assegurar inclusão de todos, principalmente daqueles contingentes populacionais sistematicamente excluídos e/ou marginalizados [...].

Assim, percebe-se que a organização escolar por ciclos não representa uma mera mudança nos detalhes do funcionamento da escola, mas envolve uma profunda modificação em toda a estrutura desta instituição.

CONCLUSÕES

É necessário salientar que os ciclos, como uma forma de organização escolar e de desenvolvimento do currículo, sob uma perspectiva democrática e inclusiva, encontram-se em pleno processo de construção. Uma construção que depende da participação de toda a comunidade escolar.

Gomes (2003) acrescenta que a implementação da escola organizada por ciclos depende do envolvimento dos professores e demais atores, em um processo longo e perseverante.

¹⁵⁴ Professor de apoio à aprendizagem – faço referência ao profissional que, na escola ciclada de Vitória da Conquista – BA, realiza atividades com os alunos que apresentam dificuldades durante o seu percurso de escolarização. Na Rede Municipal estes professores, em sua maioria, possuem formação apenas em nível de magistério.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

O mesmo autor alerta que tal mudança de organização exige maior investimento na escola. Finalizo estas reflexões, ressaltando que a mudança da escola seriada para aquela ciclada evoca uma resignificação de nossas crenças e valores historicamente construídos. Tal resignificação é de um nível muito mais complexo, pois representa deslocamentos epistemológicos.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- _____. Da escola carente à escola possível. São Paulo: Loyola, 1997.
- AZEVEDO, José Clóvis de. Escola Cidadã: políticas e práticas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. Educação não é privilégio: anais. Caxambu: ANPED, 2000. Trabalho encomendado.
- BAPTISTA, Cláudio R. Ciclos de formação, educação especial e inclusão: frágeis conexões? In MOLL, Jaqueline (Org.) Ciclos na escola, tempos na vida: Criando possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2004, p.191-207.
- BAPTISTA, Cláudio R; SKLIAR, Carlos. Inclusão ou Exclusão. In: SCHIMIDT, Saraí (org.) A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Infância, escola e uma nova compreensão de temporalidade. In: MOLL, Jaqueline (Org.) Ciclos na escola, tempos na vida: Criando possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 65-71.
- BARRETO, E. S. de S.; SOUSA, S.Z. Estudos sobre ciclos e progressão escolar no Brasil: uma revisão. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v 30, p31-50, jan./abr.2004.
- BOSSA, Nádia A. Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BUENO, José Geraldo Silveira. Processos de Inclusão/Exclusão Escolar: desigualdades sociais e deficiências. In JESUS, Denise Meyrelles de; VICTOR, Sonia Lopes (Org.) Pesquisas e Educação Especial: mapeando produções, Vitória: Editora, 2005.
- CAMBI, Franco. História da pedagogia. São Paulo: UNESP, 1999.
- CARVALHO, Rosita Elder. Educação Inclusiva com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2005.
- _____. Uma promessa de futuro: aprendizagem para todos e por toda a vida. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- _____. Removendo barreiras para a aprendizagem. Porto Alegre: Mediação, 2000.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

-
- _____. A Realidade Educacional Brasileira e a produção da deficiência. Cadernos de Educação Especial/ UFSM. v. 2, n10. 1997.
- CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. Escola Plural: a função de uma utopia. In REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. Educação não é privilégio: anais. Caxambu: ANPED, 2000. Trabalho encomendado.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. I
- FRANCO, C. Ciclos e letramento na fase inicial do ensino. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 25, p. 30-38, jan/fev/mar/abril, 2003.
- GLORIA, Dila Maria Andrade; MAFRA, Leila de Alvarenga. A prática da não retenção escolar na narrativa de professores do ensino fundamental: dificuldades e avanços na busca do sucesso escolar. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, n. 30, p.31-50, maio/agos, 2004.
- GOMES, C. A. Quinze anos de ciclos no ensino fundamental: uma análise dos percursos. Revista Brasileira de Educação. São Paulo n. 25, p. 39- 52 Jan/ fev/mar/abri, 2003.
- GRANEMANN, Jucélia Linhares. Escolas Inclusivas: práticas que fazem diferença. Campo Grande: UCDB, 2005.
- GREN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. Tadeu. (Org.). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 208-243.
- KRUG, Andréia. Ciclos de formação: uma proposta político-pedagógica transformadora. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- LEITE, Maria Iza Pinto de Amorim. Méritos e Pecados do Ciclo no Ensino Fundamental: Análise da Implantação do Ciclo de Aprendizagem nas Escolas da Rede Municipal de Vitória da Conquista. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Ciências Sociais. São Paulo, 1999.
- MAINARDES, Jefferson. Organização da escolaridade em ciclos no Brasil: revisão da literatura perspectivas para a pesquisa. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 32, p. 11-30, jan/fev/mar/abr, 2005.
- MANACORDA, Mário A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1989.
- NARODOWSKI, Mariano. Comenius & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PERRENOUD, Philippe. Os Ciclos de Aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- VARELA, Julia; ÁLVARES-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. Teoria e Educação. Porto Alegre: Tomaz Tadeu da Silva (editor), 1992. p 68-96.
- XAVIER, Maria Luisa M. Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.